

## **TRANSDISCIPLINARIDADE, CUIDADO E LUDICIDADE: CONTORNOS DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO COTIDIANO MBYA-GUARANI**

***TRANSDISCIPLINARITY, CARE AND PLAYFULNESS: CONTOURS OF THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE IN DAILY LIFE MBYA-GUARANI***

Karyna Brunetti Lucinda<sup>1</sup>

Marcia Regina Ferreira<sup>2</sup>

Ernesto Jacob Keim<sup>3</sup>

### **Resumo**

Este artigo decorre da pesquisa para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Territorial Sustentável pela UFPR, na qual se buscou compreender como a ludicidade, o brincar e as brincadeiras ocorrem na comunidade Pindoty (terra de muitos coqueiros) no litoral do Paraná. Algumas questões surgiram no processo deste trabalho: 1) O campo disciplinar é forma recente de organizar o conhecimento? 2) O que podemos aprender com os nossos ancestrais? 3) Qual a relação entre os elementos encontrados no cotidiano da comunidade Pindoty com a transdisciplinaridade de Nicolescu? Nesse sentido, a pesquisa teve o intuito de conhecer qual a realidade do brincar e das brincadeiras na constituição do ser indígena. A pesquisa contou com um processo investigativo caracterizado com a abordagem qualitativa e descritiva, por meio da pesquisa de campo, com enfoque na abordagem fenomenológica. Observou-se que a ludicidade, o brincar e a brincadeira são constituintes da cultura indígena da tekoha Pindoty e seu território, tendo como base sua ancestralidade e cosmovisão. Com a pesquisa de campo e aprofundamento teórico da dissertação, foi possível observar que a comunidade possui uma postura transdisciplinar, analisada neste texto a partir de aspectos transdisciplinares propostos por Basarab Nicolescu. A dinâmica interativa, amparada em matriz fenomenológica e transdisciplinar, proporcionou subsídios para a compreensão desta cultura a partir da ótica lúdica e da utilização do brincar como estratégia de fortalecimento da cultura local, como espaço de educação formal e não formal dessa comunidade apontando um processo formativo de natureza transdisciplinar, ética e decolonial tão necessárias atualmente.

**Palavras-chave:** Criança Indígena; brincadeiras; Cosmovisão; Território Tekoa Pindoty; Transdisciplinaridade.

---

**Artigo Original:** Recebido em 01/10/2019 – Aprovado em 20/12/2019

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia, Mestra em Desenvolvimento Territorial Sustentável. e-mail: [karyna.brunetti@hotmail.com](mailto:karyna.brunetti@hotmail.com) (autor correspondente)

<sup>2</sup> Professora Pesquisadora em Políticas Públicas e sustentabilidade, Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável, Universidade Federal do Paraná. e-mail: [marciareginaufpr@hotmail.com](mailto:marciareginaufpr@hotmail.com)

<sup>3</sup> Pós-doutor em Filosofia da Educação, doutor em Educação. Coordenador do Laboratório Educação e Emancipação LEEEMA vinculado à UFPR. Pesquisador da Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti e ao desenvolvimento de abordagem de pesquisa científica amparada na Fenomenologia Schiller/Goethiana. Programa de Pós Graduação em Ensino das Ciências Ambientais (PROCIAMB), Universidade Federal do Paraná. e-mail: [ernestojacobk@gmail.com](mailto:ernestojacobk@gmail.com)

### Abstract

*This article stems from the research to obtain the title of master in Sustainable Territorial Development by UFPR, in which it sought to understand how playfulness, playing and games occur in the Pindoty community (land of many coconut trees) on the coast of Paraná. Some questions arose in the process of this work: 1) Is the disciplinary field a recent way of organizing knowledge? 2) What can we learn from our ancestors? 3) What is the relationship between the elements found in the daily life of the Pindoty community and Nicolescu's transdisciplinarity? In this sense, the research had the intention to know what is the reality of playing and playing in the constitution of the indigenous being. The research had an investigative process characterized by a qualitative and descriptive approach, through field research, with a focus on the phenomenological approach. It was observed that playfulness, playing and playing are constituents of the indigenous culture of tekao Pindoty and its territory, based on its ancestry and worldview. With the field research and theoretical deepening of the dissertation, it was possible to observe that the community has a transdisciplinary stance, analyzed in this text from the transdisciplinary aspects proposed by Basarab Nicolescu. The interactive dynamics, supported by a phenomenological and transdisciplinary matrix, provided subsidies for the understanding of this culture from the perspective of play and the use of playing as a strategy to strengthen local culture, as a space for formal and non-formal education in this community, pointing to a formative process of a transdisciplinary, ethical and decolonial nature that are so necessary today.*

**Keywords:** Indigenous Child; jokes; Worldview; Tekoa Pindoty; Transdisciplinarity.

## 1 Introdução

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada no período de 2017 a 2018 da dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial sustentável da UFPR Litoral, intitulada “A ludicidade inerente ao brincar e às brincadeiras junto às crianças Mbyá-Guaranis (LUCINDA, 2018). Aqui buscamos refletir aspectos que apontam elementos da ludicidade inerente ao brincar e às brincadeiras no contexto de uma tekao indígena da etnia Mbyá-Guarani, localizada na ilha da Cotinga pertencente ao município de Paranaguá – PR, na qual está inserida a Escola Estadual Pindoty. Nesse cenário caracterizado pela escola, pelo território e pela comunidade originária nominado como Tekoa Pindoty<sup>i</sup> (em guarani “terra de muitos coqueiros) ou Terra Indígena Ilha da Cotinga, formada pelas ilhas Cotinga e Rasa da Cotinga, oficialmente homologada em 16 de maio de 1994 (BONAMIGO, 2009).

Consideramos aqui que são as vivências na Tekoa Pindoty, sejam elas as caças, pinturas, rituais, confecção de artefatos, que permitem, a partir do olhar atento da criança que aprende e comprehende, essa significação de geração para geração, na constante construção das referências culturais desse habitat e na construção da sua ancestralidade. É

importante a compreensão dos elementos que permeiam o cotidiano dos povos originais, os quais se manifestam pela cultura e contribuem para a identidade cultural brasileira, visto que a perspectiva indígena está presente de diversas formas no cotidiano atual, na forma de costumes, crenças, comunicação e alimentação dentre outras formas de influência no que se convencionou denominar de cosmovisão brasileira.

Essa busca investigativa se soma à importância de compreender a história e a cultura indígena, para reconhecer aspectos que permeiam nosso contexto civilizatório da modernidade, além de fomentar debates acerca das possibilidades do desenvolvimento territorial sustentável, a partir da concepção da diversidade cultural e da necessidade de saberes locais para mediar o que se convencionou chamar de sustentabilidade da vida. Essa preocupação com a sustentabilidade da vida encontra-se em uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção da educação, no século 21, onde pauta-se a proposta de uma sociedade justa, sustentável e pacífica.

Este documento é denominado Carta da Terra, que destaca o respeito a Terra e a Vida em toda a sua diversidade, assim como cuidar da comunidade e da vida com compreensão, compaixão e amor pautada

em uma nova forma de se relacionar com a Terra (GADOTTI, 2010). Essa Carta vai ao encontro da cosmovisão dos povos originários sobre a relação com a Terra e a unidade do conhecimento, enfim esta declaração apresenta também um novo tipo de conhecimento acerca da transdisciplinaridade e ao mesmo tempo nos apresentar como esse conhecimento poderá auxiliar a nos aproximar dos conhecimentos ancestrais e esquecidos em nosso processo de modernidade. Esta palavra como o prefixo “Trans” de acordo com Nicolescu (1999, p.111) “diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento”.

A dimensão de sustentabilidade para se efetivar, segundo Keim (2013), tem características interativas com perfil de inter e transdisciplinaridade, os quais apontam que nas comunidades originárias, além da dimensão de ontologia social, se identifica a presença marcante de Cosmovisão própria de cada comunidade, ou seja, esta dimensão também envolve a compreensão do mundo e a unidade do conhecimento.

Para Keim (2013), Cosmovisão apresenta-se como identidade de um grupo social bem delimitado, que se caracteriza em decorrência dos saberes, hábitos e costumes que se acumulam na perspectiva da ancestralidade, de forma objetiva e subjetiva, como um olhar em profundidade para dentro do que caracteriza determinada comunidade humana. Cosmovisão é então um olhar para dentro e em profundidade para compreender como se caracteriza o “mundo” de uma comunidade humana.

A partir deste contexto, busca-se discutir as seguintes questões: 1) O campo disciplinar é forma recente de organizar o conhecimento? 2) O que podemos aprender com os nossos ancestrais? 3) Qual a relação entre os elementos encontrados no cotidiano da comunidade Pindoty com a transdisciplinaridade de Nicolescu? Para tanto realizou-se entrevistas no período de 2017, com os seguintes integrantes da tekoha Pindoty: Juliana, líder feminina jovem da comunidade; Isolina, pajé da comunidade; Dionísio, vice-cacique e professor na Escola Estadual Pindoty; e o senhor Cristino, Cacique da comunidade Pindoty. Além dos indígenas citados acima, participou da pesquisa a

Pedagoga Renata representando o corpo docente da Escola Estadual Pindoty.

Propõe-se a reflexão acerca das manifestações transdisciplinares relacionadas com os saberes originários que envolve o sentir e pensar com a Terra, a transdisciplinaridade na ludicidade e o cuidado no território da comunidade Mbya-Guarani da tekoha Pindoty.

## **2 Manifestação transdisciplinar relacionada com os saberes originários que envolve o sentir e pensar com a terra**

Sabendo que não existe um cotidiano humano independente de influências das comunidades do entorno, o que constitui uma diversidade de saberes que interagem de diferentes formas entre si, neste artigo trazemos aspectos decorrentes da pesquisa original da dissertação de mestrado (LUCINDA, 2018), mas ampliamos o tema de estudo. Para tanto, realizamos uma análise da Tekoha Pidonty, buscando elementos presentes em seu cotidiano que relacionam-se e interagem com o manifesto da transdisciplinaridade proposta por Basarab Nicolescu (1999). Alguns destes artigos são destacados e também relacionam-se com os estudos realizados por Keim (2013; 2015; 2018).

Ao debruçarmos sobre o Manifesto da Transdisciplinaridade e relacioná-lo com as práticas dos povos originários e seu cuidado com a Terra, destacamos:

Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma definição e dissolvê-lo em estruturas formais, quaisquer que sejam, é incompatível com a visão transdisciplinar (NICOLESCU, 1999).

O reconhecimento da existência de diferentes níveis de Realidade, regidos por lógicas diferentes, é inerente à atitude transdisciplinar. Toda tentativa de reduzir a Realidade a um único nível, regido por uma única lógica, não se situa no campo da transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1999).

A visão transdisciplinar é resolutamente aberta na medida em que ultrapassa o campo das ciências exatas. Ela promove o diálogo e a reconciliação das ciências exatas com as ciências humanas ao valorizar a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior (NICOLESCU, 1999).

Com relação à interdisciplinaridade e à multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade é multireferencial e multidimensional. Embora levando em conta os conceitos de tempo e de História, a transdisciplinaridade não exclui a existência de um horizonte transhistórico (NICOLESCU, 1999).

A dignidade do ser humano é também de ordem cósmica e planetária. O aparecimento do ser humano sobre a Terra é uma das etapas da história do Universo. O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1999).

A transdisciplinaridade conduz a uma atitude aberta em relação aos mitos e religiões e àqueles que os respeitam num espírito transdisciplinar (NICOLESCU, 1999).

Não existe um lugar cultural privilegiado de onde se possa julgar as outras culturas. A abordagem transdisciplinar é ela própria transcultural (NICOLESCU, 1999).

Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, a concretizar e a mundializar (NICOLESCU, 1999).

Esses artigos abordados no Manifesto apresentam elementos que dialogam com saberes originários como apresentado por Keim (2013), pois se constituem como algo que interage entre si e com os saberes circunvizinhos, de forma que se tornam visíveis e reconhecidos como relevantes para a vida com dignidade, superando a marca de invisibilidade e inexistênciaposta pela saga colonizadora, colonialista praticada no processo da modernidade. A Educação escolar dos povos originários, precisou ser ressignificada, considerando os seus saberes a partir do reconhecimento da interculturalidade e cosmovisão para a revitalização da língua e cultura, pois o processo da Modernidade é homogenizador e prática um epistemicídio em relação aos diversos saberes (FERREIRA, 2019).

Ao manifestar a multidimensionalidade do ser humano, o reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade e formas de existência, esse manifesto também aborda e amplia a nossa concepção acerca da construção do conhecimento, ao ultrapassar o campo das ciências exatas, pois valoriza a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior. Nesse sentido, a visão da Terra e das formas de vida, como a do próprio ser humano é alterada, na qual a dignidade do ser humana é manifestada, ressaltando a dimensão cósmica e planetária. Assim, a transdisciplinaridade conduz a

uma atitude aberta em relação aos mitos e religiões e àqueles que os respeitam num espírito transdisciplinar. Essa proposta gera um ambiente heterogêneo e a concepção de respeito e cuidado com todas as formas de vida e de saberes. Ao propor que não existe um lugar cultural privilegiado de onde se possa julgar as outras culturas, esse manifesto inicia o rompimento de uma construção de conhecimento pautado em bases eurocêntricas, pois abordagem transdisciplinar é ela própria transcultural. Enfim, a proposta do Manifesto da transdisciplinaridade poderá apontar caminhos para uma nova proposta escolar dos povos originários, na qual sua cosmovisão possa ser valorizada e incluída nos processos de ensino a aprendizagem, pois a educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na interação com os conhecimentos (NICOLESCU, 1999).

Para Escobar (2016) a transdisciplinaridade se apresenta como novas dimensões a se considerar, pois são novas formas de saberes a serem incluídos e reconhecidos. Este autor aponta que o sentir pensar com a Terra gera novos aprendizados e estes começam a surgir no âmbito acadêmico a partir dessa identificação da infinita diversidade do mundo. Essa é uma nova percepção na arte de viver e pensar, onde ocorre uma conciliação entre coração e mente, ou seja, um ser humano que não é dividido e que está em mundo interconectado, onde há cantos, cânticos e poesia. Desta forma, a transdisciplinaridade se apresenta como uma dimensão ontológica, pois se refere a outros saberes, a outros mundos e epistemes.

### 3 Transdisciplinaridade na ludicidade da comunidade mbya-guarani da tekoa pindoty

Na nossa aldeia tem um fluxo grande de indígena em busca de algo, por exemplo a cura de doenças espirituais e do corpo físico, então nossa terra é uma referência, pois saímos para outras aldeias, mas sempre sentimos a necessidade de voltar para recarregar nossas energias (JULIANA, COMUNIDADE PINDOTY, 2017).

A ludicidade como agente integrante da cosmovisão Mbya-Guarani da tekoa Pindoty, mostra uma postura que vai ao encontro da concepção de transdisciplinaridade que Nelson Maldonato-Torres

(2016) apresenta, pois, de acordo com o autor, para alcançar a transdisciplinaridade é fundamental que os espaços interdisciplinares com orientação emancipatória ou decolonizadora sejam mais bem conhecidos e concebidos como transdisciplinares; isto se caracteriza, segundo o autor, como a compreensão de uma prática transdisciplinar decolonial<sup>ii</sup>. Essa prática decolonizadora e transdisciplinar pode ser encontrada nos estudos étnicos em alguns espaços na academia e caracterizam-se como:

Investigação das dinâmicas de exclusão das formas hegemônicas de poder, ser, e conhecer; usa de conceitos de raça, gênero, classe, e outros marcadores da diferença humana hierárquica e naturalizada; fonte de articulação de problemas que se plasmam em variadas expressões de conhecimento e de expressão; denotação de uma orientação emancipatória ou decolonizadora (MALDONATO-TORRES, 2016 p.5).

Nesse artigo, a partir dos elementos proposto por Nicolescu (1999; 2011) para caracterizar a transdisciplinaridade da abordagem decolonial para a construção do conhecimento (Ferreira, 2019), encontramos no cotidiano da tekoha Pindoty vivências transdisciplinares e de matrizes anticolonial<sup>iii</sup> de um cotidiano, fundamentado na cosmovisão de seu povo, que reconhece a ordem cósmica, planetária e o ser humano como filho da Terra. Como apresenta Nicolescu (1999) no Manifesto: “O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da transdisciplinaridade. Essa cosmovisão e a compreensão da ancestralidade e o território estão interligados, pois para os povos indígenas, a Terra é vista como mãe (KRENAK, 2015; KOPENAWA. D, ALBERT B, 2015).

Sobre a Ludicidade, autores como Beltrão, Domingues-Lopes e OLIVEIRA, (2015), Carvalho et al. (2003), Teixeira (2007) e Kishimoto (2003), assim como Luckese (2014), destacam que o lúdico não é um termo dicionarizado, pois é algo que está sendo construído enquanto significado. Apresenta-se atualmente como um conjunto de experiências, pois, está presente em todas as fases da vida do sujeito, iniciando no útero materno, sendo algo interno, que parte da complexidade das atividades e experiências humanas, e resulta em algo prazeroso. Este autor afirma que a ludicidade é um estado interno de bem-estar, de alegria e de plenitude ao investir energia e tempo em alguma atividade, que pode e deve dar-se

em qualquer momento ou estágio da vida de cada ser humano.

Ao relacionarmos a transdisciplinaridade e ludicidade, vemos que a ludicidade é a natureza do ser humano saudável em qualquer idade, mas que na sociedade moderna, vimos apenas como uma etapa da vida. Como se o prazer, a música, o jogo, os rituais, fossem de uma parte relacionada a infância, na qual poderia ocorrer uma atividade livre e criativa. No entanto, no manifesto da transdisciplinaridade o subjetivo e intersubjetivo importam. O lúdico é algo subjetivo, porém, sem ele na relação com o outro não conseguimos estabelecer vínculos. Nesse sentido, o lúdico se manifesta em nosso modo de ser, de pensar e de conviver. Na proposta transdisciplinar a relação entre as pessoas, a vida e o mundo passam pela percepção cultural, auto-percepção e intersubjetividade.

Na sociedade contemporânea, valoriza-se o brincar. Para Kishimoto (2003) o brincar tradicional passado de geração para geração é visto como tradicional, porém respeita a ressignificação da geração atual que está praticando. A ludicidade é vista como ação, o processo de bem estar e plenitude no momento lúdico, já o brincar é a ferramenta utilizada em alguns momentos para desenvolver a ludicidade. Para Beltrão, Domingues-Lopes e OLIVEIRA, (2015), são as vivências nas aldeias, sejam elas a caça, pinturas, rituais, confecção de artefatos, que permitem, a partir do olhar atento da criança que aprende e comprehende, essa significação de geração para geração, na constante construção das referências culturais. Assim, a ludicidade é inerente à constituição do ser indígena, pois os mesmos valorizam o processo e não a ferramenta (Figura 1).

Na tekoha é possível observar os elementos da cultura do sítio de pertencimento (ZAOUAL, 2003), sendo o sentimento de cooperação e o trabalho coletivo vivenciado por todos da tekoha, até as crianças participam de forma natural, sem obrigatoriedade, mas com efetivo cuidado com todos e com tudo.

Figura 1 - O brincar na tekao pindoty



Fonte: Renata da Silva Gerhardt Pereira - Pedagoga Escola Pindoty, (2017).

Para Costa (2005), o sentido de lúdico, parte do brincar e se divertir, proporcionando situações de aprendizagem e desenvolvimento do sujeito. Nas comunidades originárias a literatura aponta que os adultos não têm o hábito de ficar supervisionando as crianças, pois as crianças maiores cuidam das menores. Isto também foi encontrando na tekao Pindoty em Paranaguá, como encontrado no estudo de Teixeira (2007, p.), no qual relata:

A criança indígena participava de todas as atividades junto aos adultos, não chegando a se destacar uma atitude lúdica apenas vivenciada pelas crianças, visto que, mesmo com relação às atividades consideradas de trabalho, as crianças participavam desde a tenra idade.

Nessa perspectiva o brincar se mostra como aspecto fundamental de cuidado tanto com o território e como com as pessoas. As brincadeiras ocorrem normalmente de forma espontânea e coletiva, onde muitas vezes representavam situações do seu cotidiano ou imitação das ações dos mais velhos. Caracterizando o estado de bem viver, onde os povos vivem em harmonia com os elementos do seu entorno. A ludicidade caracterizada como postura cuidadosa foi um elemento observado constantemente na tekao, pois não era possível separá-la, visto que em todas as atividades e ações que as crianças realizavam era possível perceber a essência lúdica. Nessa comunidade foi possível perceber brincadeiras que marcam a história desse grupo social, pois são brincadeiras que os pais, os avós brincaram e passaram para os filhos e netos.

Com relação à interdisciplinaridade e à multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade é multireferencial e multidimensional. Embora levando em conta os conceitos de

tempo e de História, a transdisciplinaridade não exclui a existência de um horizonte tranhistórico (NICOLESCU, 1999).

Na tekao foi observado que a brincadeira está impregnada pela cosmovisão Mbya-Guarani. A cosmovisão segundo Keim (2015) é um processo construído coletivamente, a partir dos conhecimentos e registros acumulados no tempo e espaço, tendo como base sua ancestralidade. As crianças da aldeia possuem a liberdade e autonomia de construir suas brincadeiras, e, na maioria das vezes, utilizam a cosmovisão e a ancestralidade como base. Haja visto que utilizam os relatos e as brincadeiras dos mais velhos e seus ensinamentos para construir ou reconstruir suas práticas. Dentro desse contexto de tempo e espaço, o ser humano como ser, viabiliza a existência do tempo e do espaço e transcende a história, pois é ele quem a constrói e organiza como ser consciente. Nesse sentido, o cuidado, a ludicidade, o território perpassa na utilização do brincar como estratégia de fortalecimento da cultura local, como espaço de educação formal e não formal dessa comunidade apontando um processo formativo de natureza transdisciplinar.

Ladeira (2014), afirma que a terra para os Mbya é vista como um território histórico, cíclico, infinito, pois a terra e a tekao são uma só (Figura 2). Desta forma, as atividades de caça, pesca, os rituais religiosos e as caminhadas para reconhecimento da fauna e flora presente na tekao Pindoty, são atividades lúdicas que se manifesta como ação mediadora da sua ancestralidade.

FIGURA 2 - ATIVIDADE LÚDICA NO TERRITÓRIO (COLETA DE ISCAS PARA A AULA DE PESCA)



Fonte:Lucinda (2018).

Neste sentido Ladeira (2014) diz que a história dos guaranis é em busca da Terra sem males: onde o litoral brasileiro é visto como terras ocupadas

tradicionalmente. A Juliana líder feminina da tekao acredita que:

...a terra do seu povo possui significado como uma terra sem males, pois aqui é um ponto de passagem dos nossos antepassados que fizeram a travessia do grande mar, então ela é um ponto sagrado por que daqui os nossos antepassados conseguiam alcançar a terra sem males (JULIANA, TEKOÀ PINDOTY, 2017).

Para as crianças da tekao Pindoty o seu território representa "a nossa casa, nosso lar, terra sagrada que transmite paz e energia, onde plantamos e temos a água que também é algo sagrado pois nos purifica" (CRIANÇAS DA TEKOÀ PINDOTY, 2017). É possível compreender que o território para as crianças é um espaço carregado de significados, que não se separa terra e sujeito, sendo um elemento da sua identidade coletiva.

Na transdisciplinaridade o sagrado é considerado, pois a cosmodernidade se constrói na valorização da ciência, cultura e espiritualidade, onde a compreensão da transdisciplinaridade oferece a fundamentação científica e filosófica em que a percepção cultural, autopercepção e intersubjetividade são consideradas (NICOLESCU, 2014). Segundo esse autor, a transdisciplinaridade convoca a transreligiosidade, pois existem estruturas comuns nas religiões que as transcendem, e que seu estudo pode levar à compreensão do que é permanente, não impedindo a apreciação das diferenças entre as manifestações religiosas, que as tornam mais ricas como manifestações das culturas humanas (NICOLESCU, 2011). Na tekao Pindoty o sagrado, o cultural, o trabalho estão interligados, não há uma separação, a relação entre as pessoas da tekao, a vida e o mundo envolvendo o cuidado são inerentes a sua condição de existência.

Na Cosmodernidade que relaciona-se com a transmodernidade e transdisciplinaridade, uma sociedade curadora da ética ambiental, social e mental (espiritual) simultaneamente. Trata-se de uma proposta epistemológica, política e educativa que requer olhar para o futuro numa perspectiva nova, com a compreensão e a coexistência de múltiplas lógicas no processamento do conhecimento humano, reunindo diferentes planos de constituição do real. Segundo Ruano, Galeffi e Ponczek (2014) ao discutir a cosmodernidade de NICOLESCU (2014) define-a como consciência

cosmoderna, afirmando a substituição do objeto epistemológico pela relação, a interação e a interconexão dos fenômenos naturais, entendendo os fenômenos como uma totalidade, ou seja, como uma matriz cósmica extensa em que tudo se encontra em movimento perpétuo e estruturando-se energeticamente, confirmando que esta unidade do mundo não é estática, implicando a diferenciação, a diversidade e a contradição.

O conceito de cosmodernidade apresentado na UNESCO por Nicolescu (2014) como um novo paradigma epistemológico e metodológico de construção de conhecimento vai ao encontro da percepção de tekao que os povos originários desenvolvem, onde o ser humano é concebido como ser bio-psico-social-espiritual-histórico com ligação intrínseca ao seu território e suas práticas e a construção do conhecimento (Figura 3).

FIGURA 3 - CONTORNOS DOS ELEMENTOS QUE CONSTITUI O SER INDÍGENA



Fonte: Lucinda (2018).

No diagrama é possível identificar a relação da cultura e cosmovisão com a ludicidade, enfatizando a relação da tekao com a sua cultura e cosmovisão. O brincar e a brincadeira são para os povos originários um elemento natural que propicia a ludicidade, sendo uma forma de fortalecimento da sua cultura, na qual o cuidado e o amor, a subjetividade, a ludicidade poderão contribuir para a compreensão deste lugar e deste modo de vida.

A proposta de Nicolescu (transdisciplinaridade e cosmodernidade), a ludicidade e o cuidado na construção dos conhecimentos dos povos originários relacionam-se, pois ambas abordam a atividade livre, a criatividade e a valorização da subjetividade e intersubjetiva e sua relação com a Terra. Dessa forma a liberdade é vista em primeiro lugar como

liberdade de pensamento e a manifestação de diversas epistemes. Para Viveiro de Castro (2002 p.487) "conhecer bem alguma coisa é ser capaz de atribuir o máximo de intencionalidade ao que se está conhecendo", ou seja, é estar inteiramente na ação e com liberdade para as apreensões de sua multidimensionalidade. Esta é a principal proposta da Tekoa Pindoty manifestadas nas vivências transdisciplinares fundamentadas na cosmovisão da Terra sentida e pensada como mãe e a sua construção do conhecimento está pautada na liberdade, significação e pertencimento.

Nas atividades na escola Estadual Pindoty, o vice cacique Dionísio atua também como professor para desenvolver projetos da cultura Mby-Guarani, nos quais promove espaços de convivência mediadas por aulas de campo, rodas de conversas, enfim, atividades práticas que possibilitam que as crianças vivenciem os ensinamentos que partem da oralidade. Vale ressaltar que o Professor Dionísio atua no ensino fundamental como mediador da cultura Mbya-Guarani que tem como objetivo o fortalecimento da cultura local.

As atividades observadas na tekao apresentam elementos da transdisciplinaridade, visto que a transdisciplinaridade implica na superação dos limites das disciplinas como meio para superar a matriz colonial que afeta na cosmovisão (MALDONADO-TORRES, 2016). Para Nicolescu (1999) em seu artigo 11:

Educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, a concretizar e a mundializar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na interação com os conhecimentos (NICOLESCU, 1999).

Nos encontros com a tekao durante o desenvolvimento dessa pesquisa, e na análise dos relatos colecionados com as entrevistas, ficou visível que nessas tekaoas indígenas a ludicidade está ligada ao cuidado. Este cuidado é evidenciado entre as crianças, o território, a Mãe Terra e os animais que ali habitam, ressaltando o cuidado dos mais velhos em relação às crianças e os jovens em quanto aos ensinamentos sobre o modo de ensinar, modo de ser, modo de aprender e de agir (Figura 4).

FIGURA 3 – HORTA COMUNITÁRIA, DONA ISOLINA A PAJÉ ORIENTAÇÃO ÀS CRIANÇAS - PARANAGUÁ - PR



Fonte: Renata Da Silva Gerhardt Pereira - Pedagoga Escola Pindoty (2017).

A senhora Isolina é a Pajé da tekao, e segundo ela, sua função principal na tekao é a orientação religiosa. Utiliza a oralidade para transmitir todos os ensinamentos aprendidos com seus ancestrais. Ela também atua como conselheira, pois quando ocorre qualquer situação na tekao, na maioria das vezes eles recorrem a ela para pedir conselhos/orientação. Outra atividade desenvolvida por ela são os benzimentos, as curas através de rezas e remédios, e por fim, desenvolve vários trabalhos manuais como: colares, cocar, bichinhos esculpidos na madeira, chocinhos. Este artesanato é ensinado por ela às crianças da tekao. Os elementos encontrados na pajé da tekao Pindoty também é encontrado em outros estudos acerca dos povos originários e sua ligação com a religiosidade (reza) e a saúde.

O papel do pajé na aldeia é primordialmente de orientação religiosa. Ele precisa ter disposição para reunir a comunidade e rememorar/atualizar os ensinamentos aprendidos dos ancestrais, além de dar aconselhamento individual e fazer orações de cura em qualquer momento do dia. Ele se responsabiliza pela compra do fumo e do chimarrão para os rituais. Seguidamente é procurado para explicações de sonhos ou para auxiliar no discernimento de fazer ou não uma viagem e, em geral, as pessoas obedecem aos seus conselhos (BONAMIGO 2009, p. 172).

Seu Cristino, cacique da terra indígena tekao Pindoty, relata que a pajé faz a reza e trabalha para a saúde do povo da sua tekao, onde destaca: "Ela pede para Nhanderu olhar pela saúde de seu povo, tem casos que a pessoa que está doente tem que ficar direto na casa de reza (opy) por cinco dias e cinco noites, então a pajé poderá saber se a pessoa tem cura ou não" (cacique Cristino, 2017). Na

comunidades estudada percebe-se o respeito e a valorização dos costumes, rituais e postura religiosa, sendo possível perceber nas atitudes e nos diálogos a necessidade de preservar esta cultura de forma transdisciplinar, visto que em nenhum momento da pesquisa a comunidade colocou seu costume como algo soberano. Percebeu-se que não há preconceito com outras religiões, pois a comunidade é aberta desde que haja respeito. A postura encontrada nessa Tekoa Pindoty manifesta atitude aberta e a valorização de sua subjetividade que vai ao encontro do Manifesto da Transdisciplinaridade. “Artigo 9 – A transdisciplinaridade conduz a uma atitude aberta em relação aos mitos e religiões e àqueles que os respeitam num espírito transdisciplinar” (NICOLESCU, 1999).

Quanto ao ambiente escolar, foi observado que a escola Pindoty constrói uma relação de respeito e cumplicidade com a tekoa apesar de contar com 4 professores não indígenas e 2 professores indígenas. Essa relação pode ser atribuída pelo fato da escola se apresentar como um ponto de encontro da tekoa dando a ela uma identidade transdisciplinar na medida que esta relação promove o diálogo visando a cumplicidade, o respeito e o bem estar de todos. Segundo Nicolescu:

Rigor, abertura e tolerância são características fundamentais da atitude e da visão transdisciplinar. O rigor na argumentação que leva em conta todos os dados é a melhor barreira em relação aos possíveis desvios (NICOLESCU, 1999).

Quanto aos desafios, o corpo docente, representado pela Pedagoga Renata da Escola Estadual Pindoty, apresentou que os alunos Mbya-Guarani possuem características próprias, visto que a escrita não faz sentido neste contexto, pois a tekoa utiliza a oralidade como ferramenta para transmitir seus ensinamentos, então as crianças não ficam sentadas escutando ou fazendo tarefas como em outras escolas tradicionais. Esta forma de se constituir do ser indígena é um desafio para os professores e pedagogos do ambiente urbano, habituados a regras e restrições estabelecidas pela instituição escolar formal a postura de respeito a singularidade de cada indivíduo, no qual se comprehende que cada sujeito é único e complexo ainda é novo nos ambientes escolares, mas nas comunidade indígenas isso precisa ser considerado uma vez que o sujeito traz consigo sua cosmovisão e

ancestralidade, como apresentado no Manifesto da transdisciplinaridade acerca do ser humano complexo.

Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma definição e dissolvê-lo em estruturas formais, quaisquer que sejam, é incompatível com a visão transdisciplinar (NICOLESCU, 1999).

A escrita até certo ponto deve ser valorizada, porque foi criada para isso, mas o que deve ser valorizado mais é a parte cultural que é importante mesmo na aldeia, para todos os povos, não somente para todos os povos é para todos nós que estamos na terra” (DIONÍSIO, 2017).

A visão transdisciplinar é resolutamente aberta na medida em que ultrapassa o campo das ciências exatas. Ela promove o diálogo e a reconciliação das ciências exatas com as ciências humanas ao valorizar a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior (NICOLESCU, 1999).

A prática docente diante da abordagem multidimensional do ser humano que a tekoa Pindoty possui, consegue incluir a percepção cultural, a cosmovisão, a auto-percepção e a subjetividade dos estudantes. Os docentes conseguem entender e agir considerando que não se deve valorizar uma única ciência, mas sim o diálogo entre todas.

Na escola as crianças têm as disciplinas do currículo nacional como português, matemática, ciências, geografia, história e educação física e contam também com as aulas de Guarani. Segundo a pedagoga, a escola realiza reuniões bimestrais com os professores indígenas e não-indígenas para discutirem os conteúdos que serão trabalhados no bimestre. A relação entre a escola e a comunidade apresenta elementos transdisciplinar, pois promovem o diálogo e reconhecem a especificidade deste grupo.

Nas aulas os professores não indígenas utilizam, além do material didático, os espaços externos, ou seja, utilizam o território da tekoa como ferramenta pedagógica. É comum observar os professores dando aula no trapiche, na sala externa, em diferentes espaços que não a sala de aula tradicional.

Quando é iniciado um conteúdo novo, os professores fazem a introdução de forma oral e registram apenas os conceitos básicos, sendo o mais resumido possível, a partir desta introdução eles

utilizam os espaços externos e o lúdico, ou seja, colocam em prática o que foi apresentado com o objetivo de relacionar o conteúdo com a realidade da tekao, para assim despertar o interesse dos alunos frente ao conteúdo proposto. Desta forma a construção do conhecimento e a troca de saberes entre as gerações são manifestações transdisciplinares. Artigo 3 – A transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar; ela faz emergir do confronto das disciplinas novos dados que as articulam entre si; ela nos oferece uma nova visão da natureza e da realidade (NICOLESCU, 1999).

Embora na tekao Pindoty a escrita não faça parte da vivência deles a escola não é um elemento constitutivo da sua cultura, eles incentivam a educação formal, por entenderem que é importante para os indígenas aprender alguma coisa dos não-índios. Essa educação formal poderá auxiliá-los para a compreensão e defesa do seu território quando necessário. No entanto, o professor Dionísio e o cacique Cristino relataram que as crianças frequentam a escola, porém quando a família está em alguma atividade cultural a escola não interfere, como apresentado na entrevista a seguir:

Existe uma troca, cumplicidade entre nós. A escola não impõe nada, apenas apresentam situações. Um exemplo se sustenta com as trocas nas brincadeiras indígena e não-indígenas, a escola não impõe, apenas apresenta a brincadeira e se as crianças gostarem, eles brincam se não, não brincam (JULIANA, 2017).

O ponto de sustentação da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções, através e além das disciplinas (NICOLESCU, 1999).

Estas são algumas abordagens que descrevem as formas como a ludicidade na comunidade Mbya-Guarani da tekao Pindoty se traduz enquanto processo transdisciplinar, evidenciando e enaltecedo a cultura e a cosmovisão deste povo. "Para as crianças, cultura é a língua, o canto, a dança, a crença, o uso do cachimbo, a casa de reza, o artesanato, os seus costumes" (Dionísio, tekao Pindoty, 2017).

Na tekao Pindoty o território é visto como um espaço sagrado, pois este território promove uma ligação com seus ancestrais. Esta ideia de território se relaciona com o pensamento de Santos (1999),

que apresenta o território usado, carregado de significados, representando a identidade de uma comunidade e promovendo o sentimento de pertencimento.

Artigo 8 – A dignidade do ser humano é também de ordem cósmica e planetária. O aparecimento do ser humano sobre a Terra é uma das etapas da história do Universo. O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1999).

Este sentimento de pertencer a este território é muito dialogado entre adultos e crianças, através das rodas de conversas e vivências. Sendo um território a ser explorado, porém com cuidado e respeito. Apresentando-se enquanto um sítio simbólico de pertencimento, onde o espaço é vivido e trabalhado a partir da coletividade (ZAOUAL, 2003).

A noção de terra está, pois, inserida no conceito mais amplo de território que sabidamente pelo Mbya se insere num contexto histórico (mítico) cíclico, e portanto infinito, pois ele é o próprio mundo Mbya (LADEIRA, 2014 p. 67).

As comunidades indígenas possuem esta relação com o seu território, pois ele é um elemento da sua identidade, representando uma tradição em seu modo de viver. O litoral do Paraná é um território que possui diferentes comunidades com identidades, culturas, organizações próprias, e profunda ligação com o local onde vivem. A tekao Pindoty é uma dessas comunidades, promovendo uma relação de respeito com o meio ambiente e com sua terra, utilizando os recursos naturais apenas para sua sobrevivência, visando uma qualidade de vida.

Os modelos locais também evidenciam um arraigamento especial a um território concebido como uma entidade multidimensional que resulta dos muitos tipos de práticas e relações; e também estabelecem vínculos entre os sistemas simbólico/culturais e as relações produtivas que podem ser altamente complexas (ESCOBAR, 2005, p.4).

Na tekao os recursos naturais ou materiais são utilizados de forma coletiva, ou seja, os materiais naturais que utilizam na confecção de seus artesanatos ou alguma doação que a tekao recebe é organizado e dividido para todos a partir da necessidade de cada família. Artigo 12 – A elaboração de uma economia transdisciplinar está baseada no postulado de que a economia deve estar a

serviço do ser humano e não o inverso (NICOLESCU, 1999).

Para Escobar (2014) a ancestralidade é a ocupação antiga de um território, podendo ser entendida como um "Mandato Ancestral" que permanece até os dias atuais na memória dos anciões e dos quais eles testemunham, tanto a tradição oral, como a pesquisa histórica e as experiências dos mais velhos. Compreende-se assim, que cada etnia possui sua cosmovisão, pois será construída de acordo com a ancestralidade de cada comunidade, bem como com a ligação com o território e seus antepassados, respeitando os elementos que perpassam a cultura indígena, cada comunidade possui suas particularidades, construindo coletivamente cada elemento que está presente em sua cosmovisão. Artigo 13 – A ética transdisciplinar recusa toda atitude que se negue ao diálogo e à discussão, qualquer que seja sua origem – de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política, filosófica (NICOLESCU, 1999).

O diálogo e o cuidado fazem parte das atividades lúdicas desenvolvidas na tekoha indígena Pindoty e valorizam a criatividade, a sensibilidade e o afeto, o que se constitui como importantes aspectos da ética de cuidado. Esses elementos vão ao encontro da abordagem do Cuidado em Boff (1999), o qual apresenta as sete ressonâncias do cuidado, sendo elas: o amor, a justa medida, ternura vital, a carícia essencial, a cordialidade, a convivencialidade e a compaixão radical. Todos esses elementos que reverberam do cuidado foram encontrados nas práticas diárias dessa tekoha. Outro elemento importante encontrado na cosmovisão indígena é que o mundo não se separa de nós, como discutido em Nicolescu (2014) acerca da Cosmodernidade e a construção do conhecimento. Dentro deste contexto, o território e os processos lúdicos são intrínsecos na constituição da comunidade.

Esta ética transdisciplinar nos remete à reflexão sobre a construção do conhecimento na modernidade ocidental. Consideramos que se o campo disciplinar é uma forma recente de organização do conhecimento, podemos a partir dessas vivências em comunidades indígenas aprender a colocar a vida no centro das nossas ações. A transdisciplinaridade e a decolonialidade são elementos fundamentais para o início desse aprendizado de sentir e pensar com a Terra. Maldonado-Torres (2016), argumenta que os

espaços interdisciplinares necessitam de disciplinas fortes, o autor apresenta a premissa de que a transdisciplinaridade decolonial tem primazia epistemológica, ética e política sobre a disciplina e o método. Ou seja, a transdisciplinaridade permite que se olhe além do que está posto, interagindo com cuidado com o outro e seu território, valorizando a identidade local com ética e respeito. Quando se atrela transdisciplinaridade e educação, se discute o construir coletivo, praticar a empatia, respeitar a complexidade da vida e a construção natural do ser lúdico, elementos muitas vezes esquecidos na construção dos conhecimentos humanos de quem vive no urbano como o ser não-indígena.

#### 4 Considerações finais

O processo de interação na tekoha Pindoty em Paranaguá/PR possibilitou conhecer a cultura Mbya-Guarani por meio do lúdico, compreendendo o ato de brincar e das brincadeiras das crianças. Na sociedade moderna a construção do conhecimento se estabelece no campo ou forma disciplinar. Nas interações com a tekoha Pindoty percebemos os contornos do conhecimentos e reconhecemos que suas práticas transdisciplinares e de cosmovisão dialogam com a proposta do processo transdisciplinar (Manifesto da transdisciplinaridade) abordada pela UNESCO e a ética do cuidado apresentada no Brasil pelo Ministério do Meio Ambiente na Declaração da Carta da Terra, apontam para uma proposta de educação para vida, onde a interculturalidade, a transmodernidade, a transreligiosidade e a cosmodernidade se aproximam da cosmovisão, dos saberes dos povos originários, oportunizando o reconhecimento e o fortalecimento de suas práticas culturais.

O que aprendemos com os nossos ancestrais, como a tekoha Pindoty aqui estudada, é que sua cultura ocorre de forma transdisciplinar com as crianças por meio de brincadeiras, rodas de conversas e as práticas vivenciadas. Desta forma é possível observar o respeito e orgulho que as crianças apresentam quando falam de sua aldeia, de seu povo, pois há uma unidade na construção do conhecimento. Ou seja, foi possível verificar os contornos da construção do conhecimento da tekoha Pindoty de Paranaguá no Paraná e como a perspectiva do campo disciplinar que trabalhamos

nas escolas convencionais, apresenta-se como uma forma recente de organizar o conhecimento, elemento característico da modernidade.

Verificou-se que a liderança indígena possui a compreensão e preocupação acerca da construção do conhecimento das crianças, jovens e adultos, visto que vivem em um mundo capitalista (onde tudo vira mercadoria ou é instrumentalizado), no qual o hábito se constitui no acúmulo de bens, descartando as culturas, a ética e o respeito. Desta forma a tekao Pindoty busca diferentes estratégias para contribuir na constituição da coletividade, no sentimento de pertencimento a aquele território, na sua espiritualidade e no respeito com a Mãe Terra, desenvolvendo no ser indígena o apreender fazendo, considerando a sua dimensão bio-psico-social-espiritual como base das atividades da tekao.

Essa atenção e postura transdisciplinar aproximam a criança da cultura de sua comunidade e de seus saberes. Estas preocupações e compressões da liderança indígena nos alertam sobre o que podemos aprender com os nossos ancestrais para o desenvolvimento de uma vida com sustentabilidade e amor a Terra. Esta relação de respeito e cuidado, parte da percepção de sentir/pensar com o território, pois se pensa neste território com o coração, sendo mente e corpo, onde o sentir é valorizado para o pensar e agir humano. Este pensar e agir, constrói o território vivido, onde as ferramentas partem da singularidade e dos saberes de cada comunidade. Os sujeitos fazem parte desta construção coletiva, o seu ser se constrói em harmonia com a natureza, se caracterizando como um lugar coletivo, histórico e cultural, por isso é uma comunidade mediada pela transdisciplinaridade.

A maioria das brincadeiras apresenta elementos que se relacionam com o seu território vivido, buscando referências com os mais velhos, ou seja, é um processo construído coletivamente através dos conhecimentos acumulados com base na sua ancestralidade.

Desta forma o ato de brincar se manifesta de forma singular e apresenta a particularidade da tekao, constituindo sua identidade coletiva. Este brincar traz consigo elementos do movimento de libertação, autonomia e de natureza anticolonial, pois são baseados na sua cultura e cosmovisão.

Um elemento fundamental observado na tekao é o sentimento de pertencimento tanto dos adultos como das crianças em relação ao seu território. Esse elemento, pode estar relacionado a auto-percepção, subjetividade e intersubjetividade. A ludicidade é uma necessidade inerente do ser humano saudável. O lúdico, que está relacionado com algo subjetivo, nos vincula ao outro pela música, pelo ritual, pelos jogos e pela reza. Elementos pouco valorizados na cultura moderna que busca a homogeneização e não a valorização das subjetividades. Enfim, o subjetivo e o intersubjetivo são possíveis de se relacionar mediada pela ação lúdica, esses elementos geram o sentimento de pertencimento ao território.

Acredita-se que a concepção de ludicidade observada na tekao transcende a concepção destacada na literatura, visto que a construção da identidade, bem como da cultura e todos os elementos que estão ao seu entorno se ampara na ancestralidade e cosmovisão da tekao.

Desta forma cada comunidade constrói sua concepção de ludicidade, do brincar e da brincadeira, pois é vista como uma ação que promove o cuidado, a criatividade, e promove a relação com seu território, partindo da sua identidade coletiva, ou seja, da sua cosmovisão e ancestralidade. A ludicidade da tekao é construída coletivamente, em um espaço vivido, a partir da sua história, cultura e contexto, se amparando na sua ancestralidade e cosmovisão. Onde a relação de cuidado e respeito com a mãe Terra se apresente de forma indissociável como proposta nas 14 diretrizes do manifesto da transdisciplinaridade de Nicolescu no final da década de 1990, assim como sua proposta de cosmodernidade em 2014.

Enfim, os elementos encontrados no cotidiano da comunidade Pindoty manifestam esses novos conhecimentos da proposta transdisciplinar que Nicolescu busca desenvolver e apresentar entre ciência, arte na sociedade contemporânea, visto que essa tekao Pindoty, busca viver em harmonia com seu território, cuidando e vivenciando a concepção da partilha e do trabalho coletivo, no qual valorizam o ser indígena como único. Respeitam e valorizam suas especificidades na práticas culturais, religiosas e buscam ensinar ao Estado sua concepção de comunidade e de construção de conhecimento. Como consideração final, constatamos esforços na construção de documentos para a prática

transdisciplinar, onde a ciência e a arte possam estabelecer pontes, no entanto na tekoá Pindoty essas pontes já foram estabelecidas e fazem parte das suas vivências.

## Referências

- BELTRÃO, J. B.; DOMINGUES-LOPES, R. C.; OLIVEIRA, A. C. O Lídico em questão: brinquedos e brincadeiras indígenas. *Desidades*, n. 06. ano 3. mar 2015.
- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- BONAMIGO, Z. M. **A economia dos Mbya-Guaranis: trocas entre homens e entre deuses e homens na ilha da Cotinga, em Paranaguá-PR**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2009.
- CARVALHO, A. M. A.; MAGALHÃES, C. M. C.; PONTES, F. A. R.; BICHARA, I. D. **Brincadeira e Cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. v. 1: o Brasil que brinca. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- COSTA, A. Formação lúdica do professor e suas implicações éticas e estéticas. *Psicopedagogia on line*, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 45-62, 28 de junho de 2005.
- ESCOBAR, A. Sentipensar la tierra: las luchas territoriales y la dimensión ontológica de las epistemologías del sur. *Revista de Antropología Iberoamericana*, v. 11, n. 1, p. 11-32, 2016.
- ESCOBAR, A. **Sentipensar con la tierra. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia**/ Arturo Escobar--Medellín: Ediciones UNAULA, 2014. Colección Pensamiento vivo.
- ESCOBAR, A. **O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?** In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Edgardo Lander Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.133-168.
- FERREIRA, R. M. A construção do conhecimento em Ciências Ambientais: contribuições da abordagem decolonial. In: SGUAREZI, S. B. **Ambiente e Sociedade no Brasil Central**: Diálogos Interdisciplinar Regional. 2 ed. [e-book]. São Leopoldo: Oikos; Cáceres: editora UNEMAT, 2019.
- GADOTTI, M. **A Carta da Terra na Educação**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire. Educação Cidadã 3. 2010.
- KEIM, E. J. **Interações de Rudolf Steiner com uma Educação Ambiental. Educar em Revista**, Curitiba, n. 36, p.85-100, abr/jun. 2015.
- KEIM, E. J.; SANTOS, F. Educação escolar indígena: interculturalidade e cosmovisão na revitalização da língua e cultura Xokleng/Laklänõ. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v.16, n. 2, p. 169-183, 2013.
- KEIM, E. J. Refletindo sobre ser transdisciplinar. In: KEIM, E. J. **Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida**. Matinhos PR, UFPR. 2018. Disponível em <<http://profjacob.com.br>> Power Point. Bloco 1 Apresentação 1.5.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo e a brincadeira**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- KRENAK, A. **Encontros**. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.
- KOPENAWA, A. B. D.; ALBERT, B. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo; Companhia das Letras, 2015.
- LADEIRA, M. I. **O caminhar sob a luz: Território mbyá à beira do oceano**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista - CTI, 2014. Versão online.
- LUCINDA, K. B. **A ludicidade inherente ao brincar e as brincadeiras junto às crianças da tekoá Pindoty (Mbyá-Guarani)**. 110 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável). Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável, Linha de Socioeconomia e Saberes Locais, Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral. Matinhos – PR.
- MALDONADO-TORRES, N. M. Transdisciplinaridade e Decolonialidade. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n.1, p. 75-97, jan./abr. 2016.
- NICOLESCU, B. **O manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.
- NICOLESCU, B. **Educação e transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2011.
- NICOLESCU, B. **Science, culture and spirituality: From modernity to cosmodernity**. New York. SUNY Press, 2014.
- RUANO, J. C. GALEFFI, D. A. PONCZEK, R. L. I. O paradigma da cosmodernidade: uma abordagem transdisciplinar à Educação para a Cidadania Global proposta pela UNESCO. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 23, n. 42, p. 141-152, jul./dez. 2014.

**SANTOS, M. Dinheiro e território.** Universidade Federal Fluminense e abertura do ano letivo de 1999.

**TEIXEIRA, M G. S. Infância, o sujeito brincante as práticas lúdicas no Brasil oitocentista.** 270 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-

Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

**ZAOUAL, H. Globalização e diversidade cultural.** São Paulo: Cortez, 2003.

---

<sup>i</sup> Segundo o professor Dionísio, *Pindoty* quer dizer local de muito coqueiro.

<sup>ii</sup> Decolonial (2018) significa para Keim, uma postura por meio da qual a comunidade e as pessoas lutam contra as ideias, hábitos e costumes deixados pelo agente colonizador.

<sup>iii</sup> Anticolonial significa para Keim, uma postura por meio da qual a comunidade e as pessoas desenvolvem suas ideias, hábitos e costumes independente do que é proposto pelo agente colonizador.